

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Belas Artes  
Programa de Pós-graduação em Artes  
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Mariane Basílio Torres

**AUTOBIOGRAFISMO E O PROCESSO ARTÍSTICO**

o ato criador por meio do desenho

Contagem

2020

Mariane Basílio Torres

## **AUTOBIOGRAFISMO E O PROCESSO ARTÍSTICO**

o ato criador por meio do desenho

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Profa. Carolina Ruoso

Contagem

2020

Torres, Mariane Basílio.

Autobiografismo e o processo artístico: o ato criador por meio do  
desenho /Mariane Basílio Torres. – 2020.  
59 f., enc

Orientador(a): Carolina Ruoso  
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Escola de Belas Artes.  
Referências: f. 55-57

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino –  
Especialização. I. Título. II. Ruoso, Carolina. III. Universidade Federal  
de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707



Nome: Mariane Basílio Torres

## **AUTOBIOGRAFISMO E O PROCESSO ARTÍSTICO**

o ato criador por meio do desenho

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professora Carolina Ruoso – Orientadora - CEEAV/ EBA/ UFMG

Professora Camilla Ayla Oliveira dos Anjos – UFMG - Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira  
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV  
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 29 de fevereiro de 2020

Dedico este trabalho com muito carinho aos meus amores da minha vida: meu marido lindo Irving, mamãe Seledir, papai Adilson e minha irmã Lorrane, pelo amor, carinho e o grande apoio nos momentos que precisei.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a DEUS simplesmente por amá-lo acima de todas as coisas “Porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente.” (Rom. 11.36). Obrigada meu Deus por me guiar neste difícil caminho, por realizar os meus sonhos e ajudando a concluir mais uma etapa da minha vida.

Aos meus pais lindos: minha mãe Seledir e o meu pai Adilson, que me formaram como pessoa e que lutaram para me propiciar essa vitória, são as duas pessoas que mais admiro no mundo. Por serem os meus melhores amigos nesta longa caminhada, que acreditaram na minha capacidade e são os que mais me apoiaram neste trabalho, e não somente durante o trabalho, mas durante a minha vida. Obrigada pelo apoio e que oraram por mim.

Ao amor da minha vida meu marido Irving muito obrigado por me entender e interpretar todas as minhas emoções e minhas lágrimas, pelas horas em que ficou ao meu lado não deixando desistir me mostrando que sou capaz de chegar onde desejo, sem o seu apoio eu não teria conseguido chegar até aqui, na conclusão deste trabalho.

À minha irmã e melhor amiga Lorrane, cujo incentivo foi essencial para o meu sucesso. Quero ser sempre um exemplo para você.

Aos amigos que fiz durante o curso, mesmo sendo a distância me ajudaram muito trocando ideias e tirando dúvidas nas redes sociais, nos fóruns e nos e-mails, por todos os momentos que passamos durante o curso o meu especial agradecimento. Sem vocês essa trajetória não seria tão prazerosa.

A minha orientadora, professora Carolina Ruoso, pelos ensinamentos e dedicação dispensados no auxílio a concretização desse trabalho de conclusão do curso.

A todos os professores do curso de Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, pelos ensinamentos disponibilizados nas aulas, cada um com seu jeito diferente contribuíram para a conclusão deste trabalho e para o meu crescimento profissional como arte educadora e especialista em tecnologias de aprendizagem.

Minha família e amigos pelo carinho e apoio. E a todos aqueles que compartilharam comigo momentos desta caminhada. Sem vocês essa vitória não teria o mesmo brilho. MUITO OBRIGADA!

## Resumo

Esta monografia pretende abordar questões da minha experiência como arte educadora durante as aulas na Escola Municipal Gilberto Alves da Silva, localizada no bairro Jardim das Alterosas – 2ª seção, Betim, Minas Gerais, observando e analisando todo o processo artístico e o ato criador por meio do desenho. Relato em específico a proposta de observar e analisar os trabalhos que estou desenvolvendo com as turmas do 6º ano e 7º ano. Elaborar métodos e construir metodologias para o ensino/aprendizagem nos processos artísticos com a importância do desenho autobiográfico, “biografização” como ato criador. Para a elaboração deste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que se consistiu nas autoras: Luciane Goldberg, Ana Mae Barbosa, Fayga Ostrower e Edith Derdyk, dentre outros, através de suas provocadoras teorias. Tendo como finalidade um estudo sobre a arte educação no projeto sobre identidade: *Quem sou EU?* Investigando a relação da arte e a criatividade utilizando o desenho autobiográfico como fonte de pesquisa durante as aulas lecionadas. Com o referido estudo conclui que as minhas experiências como pesquisadora participante desse projeto formaram um grande aprendizado a partir de uma troca de experiências entre professor e aluno. Com uso do conceito de biografização em projetos educacionais relacionados à arte, os educandos podem desenvolver habilidades na comunicação, na linguagem, no pensamento reflexivo, ampliar o conhecimento contextualizado dentro da arte com um olhar sensível e interligados com a sociedade.

Palavras-chave: 1. Resumo. 2. Trabalho de conclusão de curso. 3. Arte educação  
4. Desenho 5. Desenho autobiográfico 6. Biografização 7. Autorretrato.

## **Abstract**

This monograph seeks to provide questionous issues about my experience like a Art teacher during the classes at the Gilberto Alves da Silva Municipal School, located in the Jardim das Alterosas neighborhood – 2nd section, Betim, Minas Gerais, observing and analyzing the full artistic spectrum and the mean of designer through design. I shall deal in particular to observe and analyse the proposal that was developing with the classes of the 6th year and 7th year. Elaborate methods and build methodologies for teaching/learning in artistic processes with the importance of autobiographical design "biographization" as a creative act. Has been used for this writing the bibliografical research was used, which consisted of the authors: Luciane Goldberg, Ana Mae Barbosa, Fayga Ostrower and Edith Derdyk, among others, through their provocative theories. Loking a study about art education in the identity Project name Who am I? investigating the creativity and art's relationship using autobiographical drawing how mean to source of research during the taught classes. Based on this study I concluded that my experiences as a researches in this project forming na enourmous amongst teacher and student. Using the concept of biographization in educational projects related to art, students can develop skills in communication, language, reflective thinking, expand contextualized knowledge within art with a sensitive look and interconnected with society.

*Keywords:* 1. Summary. 2. Course completion work. 3. Art education  
4. Drawing 5. Autobiographical drawing 6. Biographing 7. Self-portrait.

*“(...) este trabalho de garimpo teórico é um descobrir (desvelar) de pedras para compor um texto e não passa de uma aventura carregada de dúvidas, medos e incertezas, espécie de passeio conceitual no terreno do provisório do conhecimento.” (AZEVEDO, 1995:15)*

*(Fernando Antônio Gonçalves Azevêdo)*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mariane Basílio, Escola Guignard I, 2009.....	19
Figura 2: Mariane Basílio, Escola Guignard II, 2009 .....	19
Figuras 3 e 4: Monotipia – série de gravuras com o tema autorretrato com linhas e cores (coloridas).....	20
Figuras 5 e 6: Monotipia – série de gravuras com o tema autorretrato com linhas e cores (preto e branco) .....	21
Figuras 7, 8, 9 e 10: Construção do Mural – aula de Criatividade do ano de 2008.....	22
Figura 11: Série de tiras Vi- Venes, 2013.....	24
Quadro 1: Movimentos (auto)biográfico em Educação no Brasil.....	35
Figura 12: Escola Municipal Gilberto Alves da Silva .....	41
Figura 13: Escola Municipal Gilberto Alves da Silva (vista lateral) .....	41
Figura 14: Alunos da turma H participando da aula de desenho de observação de paisagem.....	45
Figura 15: Mariane Basílio, <i>Quem sou eu?</i> 2019 .....	46
Figura 16: Exposição das obras do projeto: <i>Quem sou EU?</i> .....	49
Figura 17: Exposição das obras do projeto: <i>Quem sou EU?</i> .....	50
Figuras 18 e 19: Exposição das obras do projeto: <i>Quem sou EU?</i> .....	50
Figura 20: Detalhe da exposição das obras do projeto – Releitura Pablo Picasso (1881-1973) .....	52
Figura 21 – Exposição das obras do projeto – Releitura Pablo Picasso (1881-1973) .....	52

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. A LINHA FALA .....</b>	<b>15</b>
2.1 Minha história – o primeiro contato com a linha .....	15
2.1.1 O traço .....	23
2.1.2 Professor artista ou artista professor .....	27
<b>3. AUTOBIOGRAFIA NO ENSINO DE ARTE EDUCAÇÃO .....</b>	<b>30</b>
3.1 O estudo da autobiografia no Brasil .....	32
3.1.1 Abordagens metodológicas sobre a (auto)biografia para formação de educadores .....	36
3.1.2 Abordagem Triangular como fonte de referência e experiência para a autobiografia no ensino/aprendizagem .....	38
<b>4. CAMINHO E TRAJETÓRIA .....</b>	<b>40</b>
4.1 Conhecendo a escola .....	40
4.1.1 Criatividade se ensina? .....	42
4.1.2 Quem sou EU? – O projeto.....	45
4.1.3 Relatos do projeto sobre o desenho autobiográfico.....	47
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>58</b>
Autorização do uso de nome da instituição.....	58
Autorização do uso da imagem .....	59

## 1. INTRODUÇÃO

Esta monografia pretende abordar questões da minha experiência como arte educadora durante as aulas na Escola Municipal Gilberto Alves da Silva, observando e analisando todo o processo artístico e o ato criador por meio do desenho. Em específico, a proposta de observar e analisar os trabalhos que estou desenvolvendo com as turmas do 6º ano e 7º ano: elaborar métodos e construir metodologias para o ensino/aprendizagem nos processos artísticos com a importância do desenho autobiográfico, “biografização” como ato criador.

Por que escolhi o tema desenho para minha pesquisa? Essa pergunta me leva ao passado, buscar nas minhas memórias e lembrar das minhas inquietações.

Durante meu processo de crescimento pessoal e minhas experiências com a Arte Educação, com a prática docente, o ensino/aprendizagem e a tecnologia contemporânea, percebi que o desenho vem me acolhendo. Imagino o meu caminho como uma criação de um desenho, observando cada traço da linha, que começa com um lápis com ponta bem dura com muita dificuldade e o medo de errar, outras partes desenhadas com um pastel a óleo todo colorido e com sua maior força e vitalidade durante a trajetória. O início desse caminho começa com o primeiro contato com a linha, que se transforma em desenho, ampliando esse mundo de possibilidades dentro do ato criativo e se torna um modo de comunicação entre o mundo interior e o mundo exterior.

Na monografia quero relatar e elaborar propostas pedagógicas para o ensino/aprendizagem nos processos artísticos com a importância do autobiografismo como ato criador. Como objeto principal do estudo elegi o desenho autobiográfico e irei discorrer sobre a aplicação dos métodos e análise dos resultados a partir de estudos de artistas que trabalham com o tema para levar aos alunos o conhecimento das técnicas feitas pelos artistas de várias épocas distintas.

A pesquisa terá os seguintes objetivos específicos: Investigar a relação do ensino/aprendizagem da arte com a tecnologia contemporânea; analisar a prática docente com a arte; detectar condições para a realização de propostas pedagógicas para o ensino/aprendizagem do desenho como ato criador.

Nesta pesquisa pretendo criar uma conexão com os estudos sobre a autobiografia no ensino/aprendizagem na Arte Educação no Ensino Fundamental

Anos Finais. Pesquisei, em várias plataformas acadêmicas, dentre elas, o Banco de Teses da Capes, referências de pesquisas sobre a autobiografia e o desenho para essa faixa etária, mas não encontrei nenhuma referência específica. Percebe-se que esse tema é mais trabalhado/pesquisado na Educação Infantil e vejo uma defasagem nos estudos e ensinamentos com um olhar, um foco mais aprofundado no campo de Arte e com um foco nos alunos do Ensino Fundamental Anos Finais. Concluí que as pesquisas e artigos são relacionados a estudo sobre crianças no período escolar, pois esse assunto está relacionado com a fase de conhecimento e descoberta de cada fase da vida das crianças.

O trabalho subdivide-se em três capítulos, sendo que no primeiro, “A linha fala”, apresenta-se a contextualização do objeto de pesquisa que será o desenho autobiográfico e o processo artístico. Neste capítulo descrevo o meu primeiro contato com a linha, os tipos de linhas, o desenho das letras – a escrita – uma forma de comunicação e identificação do traço do desenho. De acordo com o referencial teórico de Edith Derdyk (2001, p.10), “as palavras designam uma realidade mais abstrata para quem apreende todo o dia o esforço da representação de uma rede de experiências sensíveis e afetivas das mãos [...]”.

O segundo será sobre “Autobiografia no Ensino de Arte Educação” dispõe abrangendo o “Desenho autobiográfico”, em que irei dialogar sobre o conceito de “Autobiografismo” que Luciane Goldberg (2016) descreve em sua tese e a partir da leitura tive o conhecimento sobre o artigo de Passeggi e Souza (2017) que faz referência a Autobiografia no Brasil. Neste capítulo venho descrever as dificuldades dos alunos, as dúvidas e incertezas quando se deparam com uma folha em branco em mãos, observando a criatividade e o processo de criação através dos trabalhos propostos durante a pesquisa.

No terceiro, “Caminho e Trajetória”, descrevo em específico sobre a Escola Municipal Gilberto Alves da Silva, onde vivenciei todo o processo de acordo com as teorias de Fayga Ostrower (2004) com o livro *Criatividade e processos de criação*. Em específico é analisada as questões sobre o meu caminho e minha trajetória, abordando o tema desenho autobiográfico com o projeto com o nome “Quem sou EU?” que analiso como ensinar a criatividade em sala de aula.

Por fim, são tecidas as considerações finais, bem como a bibliografia de apoio à pesquisa realizada.

## 2. A LINHA FALA

### 2.1 - Minha história – o primeiro contato com a linha

Para começar o relato das minhas lembranças e memórias, inicio essa narrativa apresentando minha autobiografia nas artes. Você leitor deve estar pensando: “Por que começar a falar sobre as lembranças e memórias?”, “O início da pesquisa é sobre a vida pessoal?”, “Qual a relação com o tema dessa pesquisa”? Caro leitor eu imagino suas dúvidas e inquietações.

Logo após vários estudos, leituras de autores e estudiosos sobre o tema do meu trabalho acadêmico, surgiu um grande encontro, por meio das palavras de Goldberg<sup>1</sup> (2016, p.20) “como um diálogo, eu espero que você possa construir algo comigo depois de me ler e me acompanhar nessa jornada (uma tese é uma jornada!). Depois dessas palavras incentivadoras, claro que irei construir algo dialogando com a autora, dentro da minha pesquisa. Principalmente com um estilo mais impessoal, onde cada parte do trabalho tem um pouco da minha experiência pessoal, profissional e a troca de experiências com os alunos.

[...] Desculpe, aqui não há nada de impessoal. Você vai me encontrar em cada palavra, cada vírgula, cada exclamação – esse trabalho está impregnado do meu encontro com o outro que, na verdade, será também o encontro comigo mesma. Nada será feito de forma solitária. Nós nascemos desse encontro. (GOLDBERG, 2016, p. 19)

As palavras começaram a nascer na minha cabeça a partir daquele encontro, e passei a pesquisar mais a fundo sobre aquele tema de autobiografia. De acordo com as palavras de Goldberg (2016) que em seus estudos faz a reflexão sobre a escrita autobiográfica, que mesmo que não seja um trabalho diretamente sobre a

---

<sup>1</sup> GOLDBERG, Luciane Germano. Arte-Educadora. Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Educação Ambiental (2004) e Licenciada em Artes Plásticas (1999) pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG - RS. Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará - Departamento de Teoria e Prática de Ensino - Faculdade de Educação. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Artes, PROF-ARTES (UFC), Linha de Pesquisa: Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes. Líder do Diretório de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA). Coordenadora do projeto de Pesquisa "Ateliê do Iprede: experiência estética na 1ª infância no 3º setor" (PIBIC/UFC). Colaboradora do programa de Extensão "Ateliê do Iprede" (ICA/FACED/IPREDE). Associada da Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB). Experiência na área de Arte-Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: arte-educação, educação estética, histórias de vida, desenho infantil, pesquisa (auto)biográfica com crianças, direitos das crianças e dos adolescentes, arte-educação-ambiental. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9917247618926283> Acesso em: 08 dez. 2019.

autora, possui um olhar diferenciado e pessoal com trocas de experiências na elaboração coletiva com a intervenção com o outro.

Assim, esta tese faz parte de minha história de vida e, mesmo que eu não vá tratar do meu “eu” diretamente, ela é uma elaboração autobiográfica, mas é também na elaboração coletiva, na troca e na intervenção que ela se institui, da “heterobiografia” e que está, certamente, vinculada a um contexto, a um *lócus*, a um tempo específicos, o que podemos denominar de “ecobiografia”, citando Gaston Pineau (2006), que dedicou boa parte de sua obra a traçar uma linha do tempo da evolução das histórias de vida para um campo do saber. (GOLDBERG, 2016, p.22)

Venho compartilhar e falar do meu “EU” para discutir a autobiografia no ensino das artes visuais. Ao aprofundar sobre a pesquisa autobiográfica, trago para o nosso diálogo os autores Passeggi e Sousa (2017):

[...] constitui um dos pontos centrais da pesquisa (auto) biográfica em Educação. Admite-se, pois, como pressuposto, que o sujeito, em todas as fases da vida, apropria-se de instrumentos semióticos (a linguagem, o grafismo, o desenho, os gestos, as imagens etc.) para contar suas experiências sob a forma de uma narrativa autobiográfica que até então não existia. E nesse processo de *biografização*, a pessoa que narra, embora não possa mudar os acontecimentos, pode reinterpretá-los dentro de um novo enredo, reinventando-se com ele. (PASSEGGI e SOUSA, 2017, p.8)

Conforme escreveram em artigo sobre o movimento (auto) biográfico no Brasil, descrevendo sobre os diversos aspectos (físicos, psicológicos, socioculturais e históricos) para iniciar uma pesquisa autobiográfica, onde o sujeito ao longo de toda a sua vida, utiliza instrumentos semióticos através da linguagem, a escrita, o desenho, os gestos, as imagens, dentre outros. Relato nesta pesquisa sobre o instrumento semiótico – o desenho – onde discorro o processo artístico como ato criador por meio do desenho autobiográfico.

Passeggi e Sousa (2017) cita o autor Ferrarotti que escreve sobre o movimento (auto)biográfico em Educação, [...] para a construção do conhecimento na pesquisa (auto)biográfica só se faz com o outro e no respeito ao outro, jamais pelo pesquisador isolado (FERRAROTTI, 2014 *apud* PASSEGGI e SOUSA, 2017, p.8). Ao construir essa pesquisa autobiográfica, primeiramente venho narrar a minha história autobiográfica.

Começo a contar uma história de família, minha avó materna “Vó Mira”, sempre gostou de desenhar, representava através de desenhos em grafite e lápis de cor, quando não estava com o seu material utilizava o que estivesse à mão,

desenhos com o tema de paisagens e animais da fazenda onde ela morava. Ela desenhava em qualquer tipo de suporte, papel, folha de bananeira e até nas paredes. Pena que não tenho nenhuma fotografia para recordação, mas estão todos dentro da caixa de memórias, com todos os detalhes, linhas e cores se transformando em formas que pareciam estar em movimento. Minha família sempre falava e acreditava que a arte vem do “dom artístico” e logo que fui crescendo comecei a pensar e analisar se a arte seria mesmo esse “dom” ou poderia se ensinar e aprender arte.

Meu contato com a arte começou desde pequena, sempre que tinha uma folha de papel por perto lá estava eu, rabiscando com qualquer tipo de material, poderia ser um lápis ou caneta, que minha mãe tinha deixado em cima da mesa para escrever a lista de compras, ou até o batom dela, quantas vezes desenhei com o batom dela, e aí eu soltava a imaginação, utilizava até o meu corpo como o suporte para o meu desenho. Eu amava em compensação, minha mãe não ficava muito feliz com a minha obra de arte.

Eu gosto de arte desde que me entendo por gente. Quando eu estava nas fases iniciais da escola, minhas provas não poderiam ter nenhum desenho, caso contrário eu não iria resolver nenhuma questão antes de colorir todos os desenhos da prova, “cor é vida” sempre pensava assim. Isso não foi um problema até ver o meu primeiro zero em uma prova de matemática, e a prova estava toda colorida.

Claro! Minha mãe foi chamada à escola para uma longa reunião, pensaram até em um acompanhamento com psicólogos, mas o que eu realmente queria era aprender sobre arte.

Os anos se passaram e estudei em rede privada durante o Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais<sup>2</sup>, na escola SESI Benjamin Guimarães em Contagem e durante o ensino médio, por motivos financeiros, estudei em escola pública no Fundação de Ensino de Contagem (FUNEC). Durante o ensino fundamental tive um contato mais aprofundado com a arte, através de teorias e aulas práticas relacionadas com os temas diversos da arte. As aulas de arte, que antes no currículo tinha o nome de Educação Artística, onde o professor desenvolvia o campo de artes visuais, dança e teatro com a frequência de uma

---

<sup>2</sup> Nomenclatura de acordo com a BNCC que representa os Anos Iniciais do 1º ano ao 5º ano e Anos Finais do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental.

aula por semana. Durante o ensino médio as aulas se tornaram mais teóricas com uma ênfase nos vestibulares e a prova do ENEM.

Os conteúdos eram de acordo com a História da Arte utilizando a linha cronológica. Na escola particular, o SESI trabalha com o sistema de apostila, o material didático do SESI com a Proposta Educacional do Sistema SESI de Ensino. E na escola pública o professor trabalha de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>3</sup> e os Parâmetros Curriculares da disciplina de Arte.

Para aprofundar os meus conhecimentos sobre a arte entrei no Curso técnico de Design de Comunicação Gráfica, concluído em julho de 2007, no Centro de Formação Profissional "Sérgio de Freitas Pacheco"- Cecoteg/SENAI. Durante o meu curso técnico em Design Gráfico, tive uma experiência artística em artes visuais com conteúdo da história da arte, teoria da cor, estética, tipografia, desenho, técnica de fotografia, audiovisual, mas específico para artes gráficas como softwares gráficos, como CorelDraw, Illustrator, InDesign dentre outros. Após a conclusão do curso técnico, as perguntas ainda pairavam em minha mente: Será que arte é um “dom”? É possível ensinar e aprender arte? Comecei a estudar e pesquisar na minha graduação sobre essas perguntas atrás das respostas.

Minha formação acadêmica começou com a Graduação em Educação Artística com Habilidades em Artes Plásticas – Licenciatura, concluída em dezembro de 2011, na Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG / Escola Guignard, onde eu me identifiquei com as artes visuais e me apaixonei com os estágios em escolas, decidindo seguir a profissão de Arte Educadora. Durante minha graduação fiz vários estágios, sendo um deles no Projeto Escola Integrada da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte em que trabalhei como educadora/professora na Oficina de Arte com Sucata com alunos do 1ºCiclo e 2ºCiclo, onde criamos várias produções artísticas e exposições na escola E.M. João do Patrocínio, no bairro Nova Gameleira - Belo Horizonte/MG.

---

<sup>3</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf).



**Figura 1** – Mariane Basílio, Escola Guignard I, 2009. Pastel à óleo. 21cm x15cm  
Fonte: Acervo pessoal.



**Figura 2** – Mariane Basílio, Escola Guignard II, 2009. Pastel à óleo. 21cm x 15cm  
Fonte: Acervo pessoal.

Continuei minha formação com a Pós-Graduação *lato sensu* - Especialização em Tecnologias na Aprendizagem, concluída em junho de 2016, no Centro Universitário Senac - Santo Amaro/ São Paulo – EAD. Agora, com esta monografia sendo aprovada, estarei conquistando mais um degrau na minha escada do conhecimento e completando mais uma linha na minha trajetória.

Meus estudos estão seguindo uma ordem cronológica da minha vida e com um ar bem pessoal e contando minhas experiências com a Arte Educação e a Prática Docente. Durante o curso de graduação, minha pesquisa seguiu o tema: “Arte Educação e Prática Docente: Experiências formativas com o programa Escola Integrada em Belo Horizonte”<sup>4</sup> e na minha especialização em Tecnologia de Aprendizagem com o tema: “Arte Educação e Prática Docente: Experiências formativas com o uso de objetos digitais de aprendizagem em projetos educacionais”<sup>5</sup>.

Durante a minha formação artística na graduação em Educação Artística, realizei várias produções artísticas como pintura à óleo, pintura acrílica, pintura com têmpera, esculturas em argila com tema de figura humana, cerâmicas, gravuras (xilogravura, litografia, gravura em metal e serigrafia) e vários desenhos com técnica de observação, desenho de paisagem e desenho de figura humana. Atualmente eu realizo pinturas com acrílica em telas e uma nova técnica de gravura - a monotipia<sup>6</sup> e impressão – onde posso trabalhar com duas técnicas juntas: o desenho e a pintura. A especialização em ensino de artes visuais me proporcionou a aprendizagem dessa técnica da monotipia.



**Figuras 3 e 4** - Monotipia – série de gravuras com o tema autorretrato com linhas e cores (2018).

Fonte: Acervo pessoal.

---

<sup>4</sup> Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendida em 2011.

<sup>5</sup> Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendida em 2015.

<sup>6</sup> As ilustrações fazem parte do acervo pessoal da autora. Mariane Basílio, *Autorretrato com linhas e cores*, 2018. Monotipia, 15cmX20cm.



**Figuras 5 e 6** – Monotipia – série de gravuras com o tema autorretrato com linhas e cores (2018).

Fonte: Acervo pessoal.

Minhas dúvidas aumentaram quando comecei a trabalhar, ter o contato com os alunos, desenvolvendo o ensino/aprendizagem da Arte Educação, foram várias descobertas, trocas de experiências e outras inquietações foram surgindo dentro da minha cabeça.

Algumas aulas ficaram registradas na caixinha das memórias ou na caixinha das inquietações. Relato uma aula com muitas perguntas e dúvidas sobre como ensinar Arte, iniciando com uma atividade ligada ao processo de relação entre professor e aluno, como proposta a criação de um mural com o título: *Quem sou eu?*<sup>7</sup> Desenhando e colando retalhos de malhas sobre papel Kraft, ao fazer esse trabalho, a coordenadora da escola me questionou sobre o que eu estava fazendo e qual era o propósito desta aula, assim eu expliquei que os alunos estavam desenvolvendo sua criatividade, tornando um indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros olhos.

Essa proposta de criar um mural no papel Kraft tem referências as minhas aulas da faculdade da matéria criatividade, onde a professora e artista Mary Lane Amaral trabalhou com a proposta de um grande mural feito com a intuição, uma leitura visual através de figuras humanas sobrepostas e coloridas. A partir destas aulas da faculdade comecei uma investigação sobre a criatividade, será que ela pode ser ensinada? Nos próximos capítulos descrevo sobre esse tema.

Esse é o meu caminho desenhado até o momento.

---

<sup>7</sup> Esse tema QUEM SOU EU? Estarei descrevendo melhor nos próximos capítulos.



**Figuras 7, 8, 9 e 10 - Construção do Mural – aula de Criatividade do ano de 2008.**<sup>8</sup>  
Fonte: Acervo pessoal.

<sup>8</sup> Fonte: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendida em 2011.

### 2.1.1 – O traço – a trajetória da linha biográfica

O rabisco não é nada, o risco – o traço – é tudo. O risco tem carga, é desenho com determinada intenção – é o “design”. É por isto que os antigos empregavam a palavra risco no sentido de “projeto”: o “risco para a capela de São Francisco”, por exemplo. (COSTA, 1940)

Para dar continuidade ao nosso diálogo sobre o desenho autobiográfico, apresento um elemento visual – o traço – a linha com todas as suas características e estilos de composição.

Quando pensamos na palavra traço, logo surge em nossa mente, a imagem de um risco, será esse risco um rabisco, ou são coisas distintas? De acordo com as palavras de Costa (1940), o rabisco não é nada, mas será mesmo que não tem nenhum significado? Nesta parte eu não concordo muito com essa afirmação, mas que o traço é tudo, isso sim eu concordo plenamente com o autor. Tudo que você irá começar criar, a desenhar ou até escrever começa com um risco, o nosso nome, nossa assinatura, tudo começa com apenas um risco – o traço – quem somos nós sem um nome ou a nossa assinatura?

Por meio da linha surge o desenho, posso concluir que a linha é a trajetória e o desenho é a narrativa biográfica. Quando estamos conversando com outras pessoas, conhecendo pessoas novas, contamos a nossa história de vida, estamos traçando características físicas, psicológicas e descrevendo nosso caráter e personalidade. Fazendo um exercício de narrativas de si, utilizando o instrumento semiótico da linguagem e a partir dessa ação surge a trajetória de vida. Analisar essa trajetória de vida por meio do desenho onde cada indivíduo possui um próprio estilo, uma simbologia única, que cada traço possui um significado específico de acordo com o sentido da vida vivida e o meio sociocultural onde está envolvido.

Para ilustrar a ideia de traço, deixo aqui essa tirinha do Venes Caitano para uma reflexão e ilustração sobre os elementos visuais da composição.



**Figura 11** – Série de tiras Vi- Venes,<sup>9</sup> 2013.

Fonte: <https://prezi.com/rkgjkh1iy1p9/elementos-da-linguagem-visual/> Acesso em 15 de fevereiro de 2020

Por meio do desenho, o caminho do traço, levo a você leitor a conhecer ou relembrar os elementos de básicos das composições visuais. Para construir, criar as imagens e obras muitos artistas pesquisaram quais seriam os elementos primordiais: o ponto, a linha e a forma (plano). Para melhor explicação, venho descrever um pouco sobre cada elemento visual.

O ponto é a unidade mínima da linguagem visual, o elemento mais simples. Ele pode representar o início ou o fim, ele possui um grande peso em um campo visual, pois ele pode transmitir um foco para um local em específico. Com o ponto que começamos a construir o universo.

Como Elemento Conceitual, um ponto indica posição. Não tem comprimento nem largura. Pode representar o início e o fim de uma linha e está onde duas linhas se cruzam. Ele é um “ser vivo”. A unidade mínima da presença. Estamos muito acostumados a usá-lo na escrita, como agora, mas ele tem outras posições, além desta. O ponto é a representação da partícula geométrica mínima da matéria e do ponto de vista simbólico, é considerado como elemento de origem. (PARADELLA, 2014, p.1)

O ponto atrai o olhar. Os pontos podem passar a informação de continuidade quando estão juntos e alinhados ou muito próximos um dos outros. Quando os pontos estão tão próximos que não tem como mais diferenciar a distância entre eles, é o nascimento da linha.

A linha, o segundo elemento visual, podemos considerar como o registro da trajetória de um ponto. Com a linha podemos criar traços, riscos, caminhos que podem dividir criando limites – dentro e fora – no espaço, ou percorrer o campo

<sup>9</sup> O cartunista Venes Caitano Marques, o Venes, nasceu em 7 de dezembro de 1987, em Palmeirópolis (TO), estreou na internet sua série Vi-Vene em 2013. Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/venes-caitano-lanca-vi-venes-serie-de-tiras-publicada-originalmente-online/> Acesso em: 24 nov. 2019.

visual, desenhando no suporte onde os nossos olhos conseguem seguir essa trajetória da linha, um elemento fundamental do desenho. Podendo ser criada de várias formas, como desenhar com o dedo no chão de areia, ou com a rigidez de um grafite em uma folha.

Como elemento conceitual, poderíamos definir a linha como um ponto em movimento, ou como a memória do deslocamento de um ponto, isto é, sua trajetória. Como elemento visual, não só tem comprimento como largura. Sua cor e textura são determinadas pelos elementos que são utilizados para representá-la e pela maneira como é criada. (PARADELLA, 2014, p.1)

Podemos deslocar as linhas sobre suportes e superfícies variadas, transformando em vários estilos e formatos, elas podem variar de direção (horizontal, vertical, diagonal, paralelo e perpendicular), tamanho, espessura e cor, podem ser uma reta, curva, sinuosa, espiral, quebrada, angulosa, ondulada, entre outras. Sendo puras ou criando texturas e formas. A linha é a poesia das formas, quando a linha se acha, ou se fecha, nasce a forma.

A forma é a parte que se distingue de um todo, a junção de pontos e linhas, que transformam em vários estilos, fechadas em si própria como as formas geométricas (círculo, triângulo, quadrado, entre outros), podendo se tornar formas realísticas ou formas abstratas, com a forma podemos representar objetos e sentimentos, surgindo um mundo infinito de possibilidades durante a criação.

Todo ato de perceber uma FORMA no mundo é um ato intelectual de destacar um significado. A FORMA é o oposto da insignificância, é a presença em si. Na Comunicação Visual, em especial, toda FORMA tem contorno e superfície, e é criada sobre algum tipo de suporte. O contorno é o limite exterior da forma, uma espécie de fronteira entre o significado (FORMA) e o insignificante (FUNDO). (PARADELLA, 2014, p.2)

E quando falamos em desenho estamos analisando e observando todos esses elementos em conjunto dentro do campo visual. O desenho é uma das formas mais diretas e primitivas da comunicação, no caso da Pré-história, os homens daquele período começaram a representar em paredes de cavernas com pontos, linhas e formas, iniciando o começo da comunicação da humanidade.

A palavra desenho de acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa<sup>10</sup> tem o seguinte significado:

---

<sup>10</sup> Significado da palavra desenho. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=desenho> Acesso em: 24 nov. 2019.

de-se-nho – sm: 1 Representação gráfica, por meio de linhas, cores e sombras, de objetos, seres, ideias, sensações etc. 2 Arte e técnica de representar visualmente a forma desses elementos, servindo-se de linhas ou traços, assim como de efeitos de luz, cores e sombras. 3 Conjunto de procedimentos relativos a essa arte e a essa técnica. 4 Configuração do contorno de uma figura, objeto etc.; contorno, delineamento, recorte. 5 Delineamento ou traçado geral de um quadro ou de qualquer obra de arte executado por meios gráficos. 6 FIG Representação ou criação, por meios não gráficos (som, palavras, símbolos, ideias etc.), de uma forma imaginária; configuração, construção, descrição, figuração. 7 Forma ou feitio de um objeto, especialmente o contorno, considerada pelas suas qualidades plásticas; design. 8 Figura de ornatos (para tecidos, vasos, decoração em geral etc.). 9 Plano ou projeto de objetos com finalidade técnica, industrial, científica, ornamental, arquitetônica etc.; esboço, planta, risco, traçado. 10 Idealização de um propósito ou objetivo qualquer; desígnio, intenção, plano.

Como demonstram as várias as definições da palavra desenho no dicionário, usamos o desenho para registrar e expor ideias, demonstrar sentimentos, fazer mapas, entender o mundo e recriá-lo com um novo sentido. O desenho pode ser representado hoje de várias formas e podemos dizer que o desenho é tudo, de acordo com o crítico de arte Frederico Moraes, que Coelho (2009) cita em seu texto:

É tudo. Ou quase tudo. Qualquer coisa - linha, traço, rabisco, garatuja, mancha, borrão, pincelada, corte, recorte, dobra, ponto, retícula, signos linguísticos e matemáticos, fórmulas científicas, logotipos, assinaturas, datas, dedicatórias, cartas, costura, bordado, rasgaduras, colagens, decalques, esfregaduras, carimbos (MORAES, 2005, p.18, apud COELHO, 2009, p.53)

De acordo com Coelho (2009, p.53) “A ação de desenhar aparece muito cedo e, de modos diversos, está presente em nossas vidas [...]”. Quando somos crianças desenhamos com toda a criatividade, com traços incertos, uma abstração que colocamos sentidos, rabiscos e garatujas surgem em uma folha de papel, sem uma rejeição do desenho finalizado.

A palavra desenho serve a um campo amplo de referências que vai além do âmbito artístico. Desenhamos no pensamento, imaginando figuras e cenas, dando forma às ideias na mente. Desenhamos com lápis sobre o papel e, também, com um graveto de madeira ou com o dedo sobre o chão de terra ou na areia da praia. Assim, podemos dar formas às nossas ideias. (COELHO, 2009, p.53)

As razões que levaram a escolha desse tema vêm de algumas inquietações já descritas nesse projeto: Por que não pesquisar sobre o ato criador, a capacidade criativa, as dificuldades que meus alunos demonstram em começar a desenhar?

Qual a importância ou desafios que as tecnologias contemporâneas trazem para a arte, em específico no desenho?

Ao analisar o fazer artístico (processos) como uma metodologia de pesquisa, que criando um objeto artístico o aluno está desenvolvendo sua criatividade, está em contato com o seu eu, buscando suas origens, seus pensamentos, dialogando com o tempo, o espaço e matéria e através da experimentação. O aluno passa a ter uma constante investigação e pesquisa não só das técnicas e materiais, mas também para desenvolver todo o seu processo de criação de sua obra, uma pesquisa ligada a sua cultura e a comunidade que está inserido.

A arte é uma área de conhecimento, deve ser abordada como expressão e como cultura e as orientações devem priorizar ações e intervenções que estimulem a construção de conhecimentos na área e na ampliação da percepção estética dos alunos. O professor deve escolher conteúdos e procedimentos que proporcionem ao aluno construir habilidades tanto para criar o próprio trabalho quanto para apreciar e analisar a produção dos colegas, a produção de arte local e a do patrimônio artístico em geral, estabelecendo relações com a história da arte, com proposições de correntes estéticas diversas e com a produção dos artistas. (LOYOLA, 2011, p.2)

### **2.1.2 – Professor artista ou artista professor? – ensinando com a linha**

Agora você deve estar com dúvidas sobre esse título, professor artista e artista professor não é a mesma coisa. O professor/educador em arte educação pode ser um artista ou um pesquisador da área. Podendo ser o professor/artista um estudioso das artes visuais e que propões experiências estéticas aos seus alunos durante as aulas em sala criando uma troca de aprendizado um com o outro. E sendo um artista/professor ele faz da sua sala de aula um ateliê, mostrando na prática as teorias e os conceitos dos temas da arte, contudo, também, possui uma troca de experiências e aprendizado com os alunos.

O professor de arte está o tempo todo em processo de aprendizagem, sendo pesquisador, ao estudar o conteúdo programado, ao trabalhar esse conteúdo em sala, ele aprende com os próprios alunos sendo observador e com trocas de experiências, pois cada aluno tem sua bagagem de informações (socioculturais) é um artista para apresentação e experimentação de técnicas novas para o ensino em arte.

Cada aluno possui uma característica diferente, uma bagagem de informações e uma história de vida única que somente ele poderá desenvolver uma

narrativa de si. Pensando neste ponto de vista, sobre narrativas de si, desenvolvi um modo de conhecer os meus alunos mais intensamente, conhecendo histórias familiares, gostos musicais, jogos, esportes dentre outros aspectos específicos. Como professora de arte trabalho com a linha como trajetória para a contação de histórias de vida e o desenho como a narração final, concluindo todo o processo de criação do desenho autobiográfico. Com isto, quero mostrar que os estudantes podem produzir autobiografias. No próximo capítulo contarei a minha experiência em sala de aula com meus alunos mais detalhadamente.

Para ser um professor ideal de arte de acordo com os estudos e vídeos sobre a arte educação, o professor, ou melhor, o arte-educador, não pode somente ser um transmissor de informações, sendo o “dono” da verdade e do conhecimento. E sim ser um professor que trabalha com o ensino/aprendizagem e ser um pesquisador juntamente com os seus alunos durante as aulas.

Ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística. Para isso, é necessário que o professor tenha uma base teórica que lhe possibilite a ampliação de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus/suas alunos quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos. (PIMENTEL,2007, p. 26)

Antes de pensar como tem que ser o material didático, o professor/pesquisador precisa analisar o ambiente a sua volta, como são os alunos, meio social, cultural, observar a bagagem e interesses dos alunos. Fazendo uma reflexão do que seja ensinar-aprender Arte e à produção significativa de outros materiais-ações-ideias adequados ao contexto de cada escola-ambiente.

Segundo Vincent Lanier (2008), currículos ou materiais que reflitam a natureza e estética próprias do aluno, que reflitam a sua cultura e propõe abordagens de temas como a cultura popular, o artesanato e o uso de tecnologias contemporâneas. “[...] Nesse sentido, o ensino-aprendizagem em Arte ganha autonomia, amplia possibilidades de alargamento do campo do conhecimento e da qualidade das experiências”. (LANIER, 2008 *apud* LOYOLA, 2011, p.3)

O material didático é um material que possa servir como apoio para o trabalho em sala de aula, como estudo tanto para os professores como para os alunos, que não necessariamente precisa ser um livro ou material impresso.

Nos meus próximos projetos vou acrescentar esses conceitos e teorias, principalmente baseados na abordagem experimental que é muito importante, porque implica em estratégias nas quais o aluno aprende com as experiências e o professor/artista aprende com os próprios alunos, uma troca de experiências, que tornam o método e a metodologias eficientes como forma de instigar a pesquisa e possíveis registros e relatos dessas investigações.

Nesse sentido, pode-se considerar que a experiência da prática artística é passível de investigação e pode, em seus processos, conter elementos e caminhos que possibilitem tomá-la como índice plausível de criação de metodologia de pesquisa. Para isso, é necessário que esses elementos e caminhos se configurem como potencialidades investigativas e não somente como relatos de experiência. (PIMENTEL, 2015, p.90)

A Abordagem Triangular da autora Barbosa (2001), observando os seus três vértices: apreciação, contextualização e fazer artístico, irá relacionar ao projeto, como a metodologia no ensino/aprendizagem em artes visuais, que são o fruir (apreciar a arte), contextualização (conhecer e interpretar a arte) e o fazer artístico (o contato com a prática na arte).

Como professora/artista utilizo um método de trabalho durante o projeto: as minhas experiências, informações e conhecimentos; proponho vivências com a matéria e o espaço, durante o processo de ensino/aprendizagem o professor e o aluno compartilham uma troca de experiências.

Nesse capítulo, posso concluir que a linha fala: compondo desenhos de uma escrita de si nas práticas de ensino de arte educação. Ao criar um desenho autobiográfico, o aluno conta a sua história de vida, descreve seus conhecimentos sobre determinado assunto em específico, seus gostos particulares, seu modo de pensar sobre o universo de informações que são bombardeadas todos os dias. Durante esse exercício de autoavaliação com uma busca nas memórias e afetos, surge uma obra de arte – o desenho autobiográfico – onde a descoberta do EU e a troca de experiências entre professor e aluno passa a ser um estudo mais aprofundado, em que falar de si para discutir a autobiografia nas artes visuais.

### 3. AUTOBIOGRAFIA NO ENSINO DE ARTE EDUCAÇÃO

*O desenho, então, toma forma narrativa, em que a criança expressa e dirige a alguém seu mundo íntimo. Mais tarde, quando a escrita permitir uma autobiografia, o desenho terá possibilitado antes o autobiografismo.*

*Phillipe Greig*

Neste capítulo, venho dialogar primeiramente com meus alunos, participantes desta pesquisa, que ao longo do trabalho você leitor irá conhecê-los um pouquinho melhor, mesmo que seja uma pesquisa com um olhar coletivo. Para começar o meu diálogo com autores e estudiosos sobre o tema autobiografia ou (auto)biografização, apresento minhas referências bibliográficas: em maior parte discorro sobre o conceito de “Autobiografismo” que Luciane Goldberg (2016) descreve em sua tese; utilizo a autora Ana Mae Barbosa (2010) que sistematiza a Abordagem triangular como fonte de referência e experiência nos estudos/práticas na Arte/Educação; além da minha querida professora/doutora Lucia Pimentel (2017) que recorro ao artigo sobre as narrativas de si e a autobiografia na aprendizagem em Arte; e a teórica da arte e professora/artista Fayga Ostrower (2004) com o livro *Criatividade e processos de criação*, onde investigo a questão do ato criador, dentre outros autores que surgiram ao longo da minha pesquisa como fontes secundárias.

Ao analisar os meus alunos, compreendo que eles possuem dificuldades, para desenvolver as competências e habilidades específicas da disciplina de Arte, percebo que essas dificuldades não foram trabalhadas nos períodos anteriores na educação, claro que não estou desvalorizando os trabalhos dos profissionais da Educação Infantil, mas para analisar e formar uma opinião a respeito desse assunto.

Por que os alunos possuem uma grande dificuldade de representação da autobiografia por meio do desenho? Surgem mais inquietações ao longo do processo da pesquisa.

No decorrer do meu estudo, observei que a maioria dos meus alunos falaram que “não gostam desenhar”, “não sabem desenhar direito”, “não sei o que vou fazer nessa folha de papel em branco”, “por onde começar a desenhar”, alguns pedem para dar um exemplo no quadro de como desenhar, são tantas as perguntas e indagações que os minutos proposto para a aula de arte passam voando. Por ser uma aula de 50 minutos, muitas das vezes, quando vou olhar os cadernos, ainda

tem aluno que fica com a folha em branco, por não saber começar o desenho, sem fazer um risco ou ponto para a iniciação do desenho.

De acordo com as minhas inquietações durante as minhas aulas e sobre essas perguntas relacionadas ao desenho, veio à luz da minha pesquisa. Vou investigar sobre o desenho e principalmente sobre a autobiografia. Para que os alunos possam trabalhar com a criatividade e a descoberta do seu EU, melhorando o seu interesse nas aulas de arte, e até como uma ajuda no convívio pessoal com os outros colegas, aprendendo a expressar seus gostos, desenhos, seu (auto)descobrimento pessoal.

Considerando que os estudos em autobiografia tratam de questões importantes para que o Arte/Educador possa conhecer melhor a si mesmo e entender as narrativas que os educandos fazem a respeito de sua vida, seus desejos, emoções e sentimentos, é importante que o Arte/Educador de Arte saiba buscar informações sobre como promover desafios de aprendizagem que propiciem o pensamento artístico. (PIMENTEL, 2017 P. 307)

De acordo com o artigo de Pimentel (2017) em que faz uma reflexão sobre a importância dos estudos sobre autobiografia tanto para os educadores quanto para os educandos, representando um grande potencial para uma melhora no ensino/aprendizagem dentro do campo da Arte. Por meio desses estudos podemos analisar que ao fazer uma autobiografia, tanto como professor ou como aluno, você estará abrindo um grande caminho para o conhecimento do Eu interior, assim, cada um estará conhecendo melhor de si e as narrativas, histórias e bagagens durante um certo período da vida.

Quando o Arte/Educador faz o descobrimento do seu EU, ele passa a entender e analisar melhor cada educando através de suas narrativas e histórias dentro de sala de aula. E, principalmente durante as práticas, na hora de fazer e produzir, colocar em prática por meio do desenho autobiográfico.

Segundo os estudos de Goldberg (2016), que em sua tese propõe como categoria central a história de vivências, aprendizagens e experiências sobre o desenho autobiográfico, denominando como “Autobiografismo”, ou autobiografia desenhada, uma “figuração de si” como relata a autora. Este processo podemos chamar de biografização conforme os escritos de Delory-Momberger (2008) na pesquisa (auto)biográfica o autobiografismo constitui-se, então, dos termos: **auto**:

relativo a si mesmo; **bio**, referente à vida, e **grafismo e grafia** têm a mesma origem, também é relativo à palavra, escrita; originário do traço, do desenho, do imaginário, da vida simbolizada em formas e figuras (DELORY-MOMBERGER, 2008 *apud*, GOLDBERG, 2016, p. 27).

A partir da descoberta dessa palavra “nova” até o momento, estarei apropriando, ou melhor, “pegando emprestado” para devolver em forma de conhecimento e dissipando essa descoberta para as outras pessoas e leitores dessa pesquisa.

### **3.1 – O estudo da autobiografia no Brasil**

Em concordância com os estudos de Goldberg (2016), a autora cita que no Brasil, quem está à frente das pesquisas nesse campo da (auto)biografia é a professora Dra. Maria da Conceição Passeggi, pesquisadora experiente nesta área de pesquisa.

[...] que ajuda a refletir sobre essas questões ao se propor investigar essa perspectiva na pesquisa com crianças, defendendo o reconhecimento da criança como “ser capaz de lembrar, refletir e projetar-se em devir”, sustentando “a tese da legitimidade de sua palavra como fonte de investigação para a pesquisa (auto)biográfica com crianças em educação” (PASSEGGI, 2014, p. 135, *apud* GOLDBERG, 2016, p. 27).

Conforme Goldberg (2016) relata sobre os estudos e pesquisas de Passeggi (2014), juntamente com os de Martine Lani-Bayle (1983) , ajudaram a formular a tese dela, “aprofundando e ampliando o campo e aqui propondo o reconhecimento do desenho infantil também como linguagem privilegiada para esse processo (auto)biográfico, espaço em que a palavra sempre teve maior destaque” (GOLDBERG, 2016, p. 27).

Ao ler a tese de Goldberg (2016) surgiram mais curiosidades sobre esse tema e comecei aprofundar mais e mais sobre a (auto)biografia. Pesquisei em vários sites acadêmicos tive mais uma descoberta, um artigo de Passeggi e Souza (2017) sobre o tema que estou pesquisando.

Segundo Passeggi e Souza (2017, p.7) existe um desafio de tecer considerações sobre o movimento (auto)biográfico no Brasil, pois tais possuem “riscos de omissões face à sua história, que embora recente, já se caracteriza por sua diversidade, por um volume considerável de pesquisa, trabalhos e projetos de

cooperação científica em âmbito nacional e internacional”. Sendo assim, o desejo dos autores é mapear os principais enfoques e possibilidades de explorar o conteúdo para melhorar a pesquisa qualitativa em Educação.

O artigo de Passeggi e Souza (2017, p.6) descreve que a pesquisa foi dividida em três momentos:

O trabalho está organizado em três etapas, a saber: 1) apresentar os princípios epistemológicos que norteiam a pesquisa (auto)biográfica brasileira; 2) faremos um breve sobrevoos histórico referente ao período de 1990-2016; e, 3) apresentamos uma síntese das diferentes edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), que vem se realizando a cada dois anos, desde 2004. O foco no CIPA deve-se ao fato de se tratar de um fórum internacional de pesquisadores e um espaço privilegiado para discussões e avaliação do progresso e dos desafios do movimento (auto)biográfico internacional, cuja finalidade é incentivar mais pesquisas e orientações teóricas e metodológicas nessa área.

De acordo com a pesquisa dos autores, irei fazer uma escrita sucinta sobre a história da (auto)biografia no Brasil com o foco nas etapas 1) os princípios epistemológicos que norteiam a pesquisa (auto)biográfica brasileira e 2) breve sobrevoos histórico referente ao período de 1990-2016.

Começo descrevendo um pouco sobre os princípios epistemológicos que norteiam a pesquisa (auto)biográfica brasileira.

A primeira tarefa da pesquisa biográfica seria a de apreender mais exatamente o que constitui seu campo de investigação e de fabricar instrumentos terminológicos e nocionais que lhe sejam apropriados [...] o espaço do biográfico não se reduz às narrativas de vida; o discurso autobiográfico [...] se enraíza numa atitude mais fundamental do ser humano que consiste em configurar narrativamente a sucessão temporal de sua experiência. (DELORY-MOMBERGER, 2005, p.14, *apud* PASSEGGI e SOUZA, 2017, p.6)

Passeggi e Souza (2017) fazem uma referência as palavras de Delory-Momberger (2005), que para “demarcar a pesquisa (auto) biográfica, como um campo disciplinar em Educação, primeiramente temos que apreender os princípios epistemológicos, teóricos, metodológicos, políticos’ e inventar/criar instrumentos terminológicos que sejam apropriados” (PASSEGGI e SOUZA, 2017, p.8). São várias inquietações sobre essa área do campo de pesquisa (auto)biográfico no Brasil, que refletem nos Congressos Internacionais de Pesquisa (auto)biográfica

(CIPA), que acontece a cada dois anos, como forma de analisar e examinar os avanços produzidos pelas investigações científicas.

Concordando com os autores citados, existem alguns pontos centrais da pesquisa (auto)biográfica em Educação que podemos discernir como um “*discurso autobiográfico*, enraizado na atitude fundamental do humano que consiste em *configurar narrativamente* a sucessão temporal de sua experiência” (PASSEGGI e SOUZA, 2017, p.8). Cada sujeito/indivíduo durante toda a vida, precisa se expressar de uma certa forma, para criar uma narrativa de si, os autores citam como instrumentos semióticos que podem ser de formas variadas como a fala, escrita, desenhos, etc.

Como campo de pesquisa qualitativa, [...] a pesquisa (auto)biográfica em Educação tem procurado superar o dilema que lhe é imposto: ou acomodar-se aos padrões existentes do conhecimento dito científico ou, ciente da especificidade epistemológica do conhecimento que ela produz, contribuir para a construção de novas formas de se conceber a pessoa humana e os meios de pesquisa sobre ela e com ela. (PASSEGGI e SOUZA, 2017, p.9)

De conformidade com Passeggi e Souza (2017) a pesquisa qualitativa (auto)biográfica tem alguns dilemas para superar, acomodar com padrões já estabelecidos dentro do campo científico, contribuir com novas formas de criação de narrativas de si e analisar sobre todo o processo/método de investigação do ato de criar narrativas de si, transformando um “dispositivo de pesquisa-formação, com base com base em diversos modos de grafias (escritas) da vida (bios)” (PASSEGGI e SOUZA, 2017, p.14).

Continuando com as teorias dos autores citados acima, é feito por eles um estudo histórico referente ao período de 1990-2016. Por conseguinte, Passeggi e Souza (2017), concluem que a partir dos anos 2000, aconteceu um estreitamento das “relações entre linguagem, aprendizagem, reflexividade autobiográficas e práxis social no interior do (auto)biográfico como uma modalidade da pesquisa qualitativa assumindo posicionamentos concretos” separando da racionalidade técnica na pesquisa e todo o processo de formação seguindo com os seguintes desafios das abordagens tradicionais. (PASSEGGI e SOUZA, 2017, p.23).

Os desafios permanecem relativamente os mesmos na tarefa de explorar os referenciais epistemológicos, teóricos e metodológicos do (auto)biográfico em suas grandes vertentes: como fenômeno antropológico, método de pesquisa, dispositivo de pesquisa-formação e, modos de (auto)biografização

da vida, mediante os mais variados instrumentos semióticos, com vistas a ampliar as interfaces entre a Educação e as demais ciências que investigam o humano em suas relações com o mundo físico e o sensível. (PASSEGGI e SOUZA, 2017, p. 23)

Após os estudos sobre os movimentos (auto)biográficos, elaborei uma tabela informativa como forma de resumo do artigo de Passeggi e Souza (2017, p.12-16), que faz menção de fatos históricos sobre os movimentos autobiográficos. Os autores começam a exposição dos fatos a partir dos anos 1990-2016. Baseados nos anos de 1990-1997, em que aconteceram os primeiros momentos de eclosão do autobiográfico e das histórias de vida em Educação, sendo que neste período cresce o interesse pelas abordagens autobiográficas e pelas histórias de vida de professores, com estudos relacionados as áreas específicas de formação de professores/formação docente, ligados aos estudos dos relatos da memória desses profissionais e suas trajetórias de vida. A metodologia utilizada era a pesquisa-formação e pesquisa histórico-sociológica com método de investigação qualitativa das práticas docentes e trajetórias de formação.

<b>Período (a partir do ano)</b>	<b>Tema</b>	<b>Área específica</b>	<b>Tipo de pesquisa</b>	<b>Uso do termo (autobiografia)</b>
1990	Primeiro momento de eclosão do autobiográfico e das histórias de vida em Educação.	Formação de professores / Prática docente / Campo da Didática / Trajetórias.	Pesquisa-Formação/ Pesquisa histórico-sociológica.	1997 – 2%
2000	Momento de expansão e diversificação dos temas de pesquisa.	Histórias de vidas / Memórias autobiográficos/ Narrativas autobiográficas.	Pesquisa (auto)biográfica / Investigação sobre a ação do sujeito.	2006 – 21%

**Quadro 1: Movimentos (auto)biográfico em Educação no Brasil**

Fonte: PASSEGGI e SOUZA (2017) / Adaptação do texto pela autora.

Entre os anos de 2000-2006 foi o momento de expansão e diversificação dos temas de pesquisa ligados ao método de investigação das histórias de vida e os memoriais autobiográficos. No ano de 2004 iniciaram os Congressos Internacionais de Pesquisa (CIPA), a partir desse período houve um crescimento de 2% em 1997 para 21% em 2006 nas pesquisas sobre o tema (auto)biografia. O foco da pesquisa passou a ser sobre a ação do sujeito (histórias de vida com referências ao biográfico/escrita da vida) esse estudo teve a função formativa do discurso autobiográfico.

### **3.1.1 – Abordagens metodológicas sobre a (auto)biografia para formação de educadores**

Com base nos estudos relacionados sobre as abordagens metodológicas da formação de educadores, professores de Arte e o Arte/Educadores, a pesquisa autobiográfica está cada vez mais forte, durante meus estudos, os temas das pesquisas que li, são desenvolvidas com um objetivo principal de analisar e interpretar os aspectos da vida e formação de profissionais da área de educação por meio da autobiografia. Na tese de Lanzi (2016), a autora relata a narrativa de si como forma de entender e analisar as experiências pessoais de uma Arte/Educadora durante a sua formação como profissional da área e, juntamente com a sua formação de vida, durante a aplicação dos estudos da faculdade, dentro do espaço escolar. Fazendo questionamentos sobre como a formação do professor e sua experiência de vida podem dar uma melhora no ensino/aprendizagem dos alunos, contribuindo para o ensino de Arte Educação no Brasil.

É importante ressaltar que são o Professor de Arte e o Arte/Educador quem constrói a metodologia, quer seja por ter conhecimento de métodos, ou por registrar suas ações em sala de aula e refletir sobre elas, tornando-as princípios para a criação de suas metodologias. (PIMENTEL, 2017, p. 308)

Nas palavras de Pimentel (2017), o Professor de Arte e o Arte/Educador tem um papel muito importante ao construir a metodologia para trabalhar em sala de aula, nessa parte o educador deve fazer uma análise e reflexão sobre as ações e

histórias de vida de cada aluno, podendo fazer uma leitura de campo mais aprofundada ou como forma de observação coletiva durante as aulas.

Pimentel (2017) propõe que precisamos identificar fatores de aprendizagem de si, de acordo com o ambiente, a comunidade, a relação entre educador e educando, ao mesmo tempo compartilhando informações e experiências em virtude da “[...] pesquisa autobiográfica, por considerar ser esta uma possível via de estudo e pesquisa que pode colaborar com a construção de conhecimentos em Arte e com o pensamento artístico”. (PIMENTEL, 2017, p.308)

Falando em pesquisas autobiográficas e narrativas de si, podemos concluir que o processo de conhecimento de si mesmo, “[...] não é relato do que se passa com alguém, mas a construção de como o sujeito se percebe e se apresenta; é um processo contínuo que não se fixa em um papel ou em um arquivo digital, não é somente um discurso, mas algo que deixa marcas e memórias em fluxo.” (PIMENTEL, 2017, p. 309)

Sobre esse assunto Priore (2009) afirma que os estudos sobre a biografia refletem uma junção entre o indivíduo e a sociedade, que nos estudos anteriores era uma falsa oposição, uma separação de conceitos e fatos de cada em específico. O indivíduo “[...] só existe numa rede de relações sociais diversificadas. Na vida de um indivíduo, convergem fatos e forças sociais, assim como o indivíduo, suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence” (PRIORE, 2009, p.10).

Como Arte/Educadora e pesquisadora dentro do campo de educação, sob o mesmo ponto de vista dos autores citados, tenho a percepção da importância do exercício da autobiografia que “pode contribuir para que esse entendimento de si mesmo e de sua participação social sejam coerente com o que ele considera ser um *bem social*” (PIMENTEL, 2017 p. 312), nessa pesquisa de campo apresentei aos meus alunos o processo da narrativa de si e o estudo da autobiografia por meio do desenho.

Essa situação reflete a mesma encontrada por Pimentel (2017), que ressalta a busca do diálogo entre educador e educando, propondo uma troca de conhecimentos e vivências pessoais, ligadas à sociedade e ao indivíduo, representando e construindo uma forma de trabalhar o ato criador dentro do campo da Arte.

Ressalte-se que o que se busca é o diálogo entre ações intrínsecas para o trabalho com Arte/Educação, propondo a articulação entre abordagens não conflitantes entre indivíduo e sociedade, entre Arte e Educação, mas compartilhadas no entrelaçamento de possibilidades de construção de um sujeito atuante e crítico, que saiba se posicionar perante si mesmo e perante as sociedades das quais participa, quer seja como estudante, colega ou professor. (PIMENTEL, 2017 p. 314)

### **3.1.2 – Abordagem Triangular como fonte de referência e experiência para a autobiografia no ensino/aprendizagem**

Para dar continuidade na minha linha de pensamento, seguindo a ordem dos estudos sobre o tema, discorri sobre os estudos da pesquisa autobiográfica ensino de Arte no Brasil, a importância da autobiografia na formação dos educadores e agora irei apresentar a Abordagem Triangular como uma forma de metodologia na formação dos educandos no ensino/aprendizagem.

Essa teoria de Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa em 1980, que atualmente está cada vez mais forte, elaborada e ampliando novas dimensões, nas palavras de Pimentel (2017) existem “inúmeras possibilidades de ampliar o campo da tarefa de arte/educar a questão do não estreitamento de seus limites e consequente alargamento para interação com outros campos do conhecimento” (PIMENTEL, 2017, p.307). Considerando essa interação com os estudos da autobiografia pode basear em uma referência e experiência formativa de vivências arte/educativas.

A Abordagem Triangular é essencial para ter uma metodologia mais contextualizada de acordo com Pimentel:

Considerando que as ações principais da Abordagem Triangular – fruir, contextualizar e fazer (não necessariamente nesta ordem) estão intimamente relacionadas entre si de forma dinâmica e retroalimentadora, é importante que se tenha a clareza dos fundamentos de cada uma delas, para que se possa buscar em outros campos do conhecimento teorias que auxiliem em propostas arte/educativas consistentes. (PIMENTEL, 2017 p.308)

A partir dessa abordagem e metodologias Pimentel (2017) descreve como deveriam ser as aulas de Arte, ou melhor, o espaço – ambiente escolar – relacionado com os alunos e professores, onde as aulas precisam ser mais livres sem ter muito um sistema rígido com provas e avaliações, aulas que não deixam os

alunos exporem suas ideias, desejos, curiosidades, descobertas, seus pensamentos artísticos e críticos, e o mais importante a sua vida, o seu EU interior, assim as aulas possuem uma rigidez que impedem de ampliar a aprendizagem e a troca de experiências.

Para que isso ocorra, é necessário que o professor e o arte/educador tomem a iniciativa de abrir esse espaço de forma transparente e compartilhada, cuidando para que, sem deixar de lado sua responsabilidade de ser o professor ou o arte/educador, propicie experiências e ações em que o aluno e o arte/educando se relacionem com suas vivências pessoais e sociais, provocando uma atitude mental e comportamental significativa para a vida. (PIMENTEL, 2017 p.309)

O contato da Arte e Arte/Educação no processo de aprendizagem do aluno é de grande importância para a construção de uma narrativa autobiográfica, pois o aluno ao ter uma vivência com a Arte abrirá um novo olhar para o ambiente que o cerca e um autoconhecimento. Segundo Pimentel (2017) “incluir na narrativa de vida dos alunos e arte/educandos as experiências em Arte é essencial para que eles possam se apresentar como sujeitos partícipes importantes da vida social e sabedores de suas potencialidades.” (PIMENTEL, 2017, p.313)

Portanto, encerro esse capítulo com as palavras de Barbosa e Pimentel sobre a tarefa de educar por meio da arte:

[...]não diz respeito a estratificações hierarquizadas do objeto artístico, uma vez que “[...] não se tratam de fases da aprendizagem, mas de processos mentais que se interligam para operar a rede cognitiva da aprendizagem.” E, nessa rede, estão o conhecimento e as narrativas de si, uma vez que processos mentais são corpóreos, assim como a rede de aprendizagem de arte/educar lida com sujeitos interconectantes também corpóreos. (BARBOSA, 1998, p. 40, *apud* PIMENTEL, 2017 p. 314).

As autoras fazem menção que a Arte/Educação possui habilidades para desenvolver os processos mentais, como o conhecimento das narrativas de si e a autobiografia como forma de operar, melhorar e ampliar o ensino/aprendizagem. Essa pesquisa concretiza essa grande importância desse estudo sobre a autobiografia durante as aulas de Arte.

## 4. CAMINHO E TRAJETÓRIA

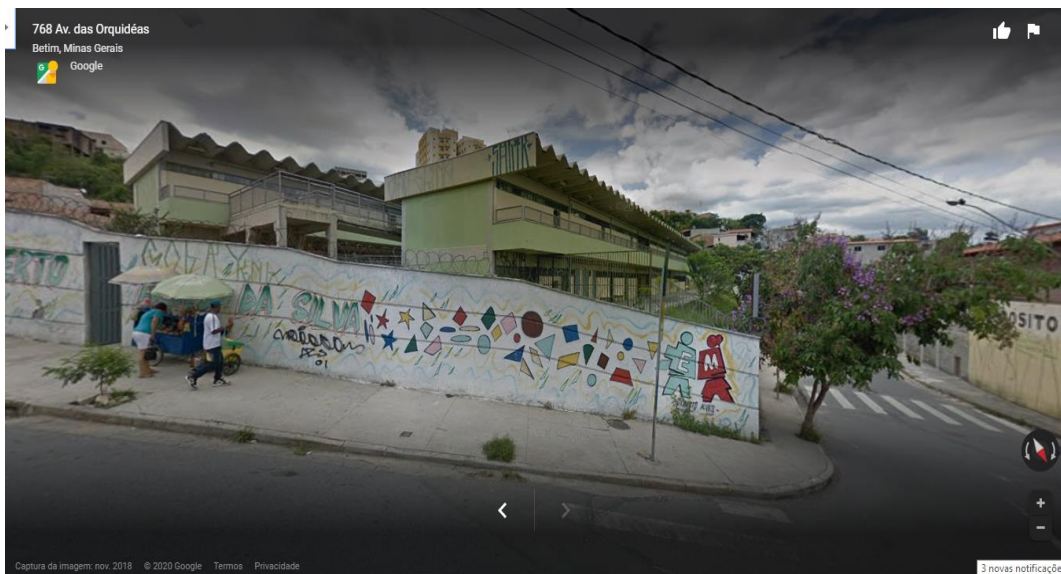
### 4.1- Conhecendo a escola

A Escola Municipal Gilberto Alves da Silva está situada no Município de Betim-MG e fica no bairro Jardim das Alterosas – 2ª seção, conhecido popularmente como “Mutirão”. O bairro é mais residencial, com poucos conjuntos prediais, e com um amplo comércio ao redor da escola. Outra parte do bairro é rodeada por becos e vielas, uma região de periferia, por onde os alunos passam todos os dias para ir para às aulas. Os alunos matriculados nesta escola, na maioria, moram nos arredores da escola ou em bairros próximos como Cruzeiro do Sul, Sra. de Fátima, Duque de Caxias, entre outros.

A Escola foi inaugurada em 10 de dezembro de 2011, ela pode ser considerada uma escola nova, pois esse ano estará completando 09 anos de funcionamento. A Escola funciona em dois turnos, atendendo as turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais pela manhã e no turno da tarde 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, sendo que neste início do ano de 2020, houve uma procura maior dos responsáveis para abrir mais turmas no turno da tarde, sendo assim, começaram novas turmas do 4º e 5º ano Ensino Fundamental Anos Iniciais. No turno da tarde, estudam cerca de 345 estudantes divididos em 13 turmas sendo: 01 (uma) turma de 4º ano, 01 (uma) turma de 5º ano, 03 (três) turmas de 6º ano, 03 (três) turmas de 7º ano, 03 (três) turmas de 8º ano e 02 (três) turmas de 9º ano.

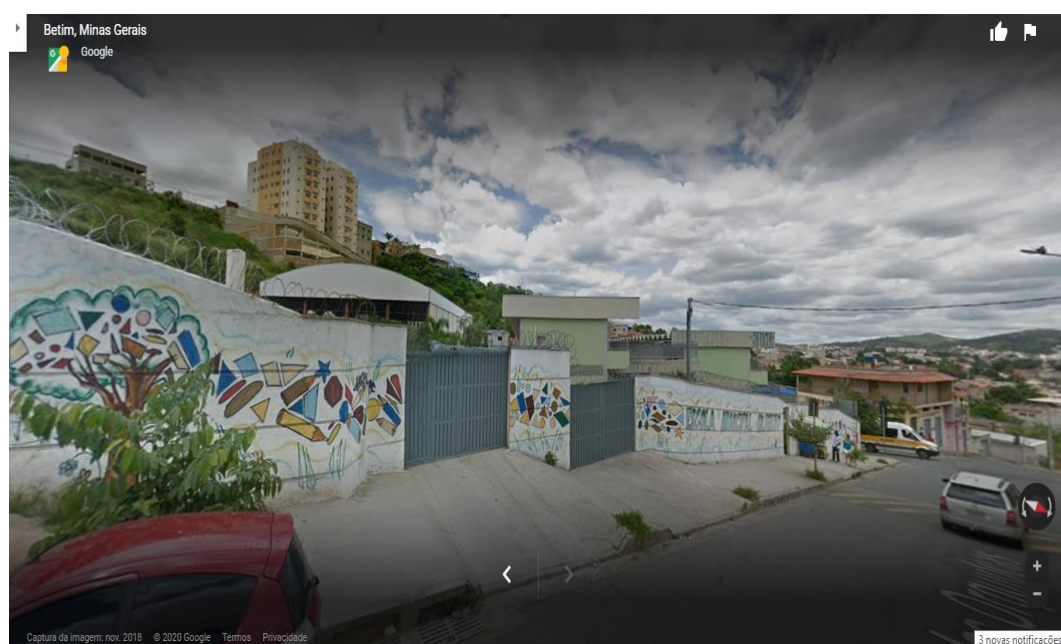
Por que escolhi essa escola? A escolha dessa escola para o desenvolvimento da ação de ensino foi orientada especialmente pelo fato que eu estou exercendo o papel de professora de Arte e Arte Educadora nessa instituição desde 2015. Atualmente trabalho com todas as turmas do Ensino Fundamental Anos Finais, participando da história da Escola e na formação dos estudantes.

Nessa pesquisa, meu foco em específico será observar e analisar os trabalhos que estou desenvolvendo com as turmas do 6º ano e 7º ano.



**Figura 12** - Escola Municipal Gilberto Alves da Silva

Fonte: Google Maps<sup>11</sup>



**Figura 13** - Escola Municipal Gilberto Alves da Silva (vista lateral)

Fonte: Google Maps

<sup>11</sup> Foto da Escola Municipal Gilberto Alves da Silva disponível em:  
<https://www.google.com.br/maps/place/E.+M.+Gilberto+Alves+da+Silva/@-19.9378848,-44.1674128,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xa6c18c4a05d8a3:0x7077b985314eee29!8m2!3d-19.9378899!4d-44.1652241?hl=pt-BR> Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

#### 4.1.1- Criatividade se ensina?

Como posso ensinar a criatividade para alunos em sala de aula, será possível? Foi pensando neste assunto que lembrei das minhas aulas na faculdade na disciplina Criatividade. Para recordar as aulas fui ao encontro do meu companheiro – o caderno – onde tudo que eu vi e li durante as aulas estavam registrados em cada página. Ao ler as páginas encontrei um texto de Arthur Foshay<sup>12</sup> que estava escrito:

Talvez você se sinta inseguro e hesitante em ser criativo. (...) Talvez você desconfie que não seja criativo e que há pouca esperança de vir a ser. A todos vocês inseguros de sua potencialidade um conselho: olhar para si mesmo. Olhar para si próprio exige um compromisso de você; estar a pessoa aberta à sua própria experimentação, disciplinar suas próprias ações pela vontade. (Arthur Foshay) (Anotações do caderno – arquivo pessoal)

Com essas palavras de Foshay, percebi que antes de tudo eu tenho que olhar para mim mesma, estar aberta para novas experiências e saber o que devo fazer com elas. É necessário focalizar e colocar em ordem essas experiências, assim criando novas ideias. Como diz a artista plástica Ostrower (2004), “[...] criar corresponde a um formar, um dar forma a alguma coisa. Sejam quais forem os modos e os meios, ao se criar algo, sempre se o ordena e se o configura.” (OSTROWER, 2004. p.5)

Para trabalhar com alunos de faixa etária diferentes, busquei referências teóricas, dentre elas, a autora Ostrower escreve sobre criatividade:

Nas crianças, a criatividade se manifesta em todo seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é senão o real. Criar é viver para a criança. (OSTROWER, 2004. p.127)

De acordo com Ostrower, a criatividade na criança não é ensinada, pois a criança já possui dentro de si a criatividade sendo sua vida. Enquanto professora e Arte Educadora nessa escola estive em contato com alunos de várias faixas etárias,

---

<sup>12</sup> FOSHAY, Arthur Wellesley. (1918 – 1989) Ele era um graduado da Universidade da Califórnia em Berkeley, e participou do Teachers College da Columbia University, NY, e alcançou um doutorado em educação. Foi presidente da Associação para Supervisão e Desenvolvimento Curricular, presidente da Sociedade John Dewey, e um dos fundadores da Associação Internacional de Avaliação de escolaridade.

pois estou acompanhando as outras professoras do turno da manhã, durante alguns projetos propostos durante o ano letivo com foco na pesquisa de campo, assim consegui analisar e observar os alunos das classes E (alunos de 6 e 7 anos), nessa classe e percebi que em seus trabalhos artísticos como desenhos, pinturas, escultura e outros, eles não conseguiam separar a sensibilidade e o raciocínio, pois estes estão interligados com suas experiências infantis. Os alunos da classe F (8 e 9 anos) estavam em uma fase de transição onde suas expressões tinham muita referência no seu cotidiano; gostavam de representar o que estavam a sua volta, sua vivência.

Com as turmas do 6º ano e 7º ano, no início de todas as aulas, os alunos me perguntavam com todo o entusiasmo, qual seria a proposta da aula. Para eles a aula de Arte era a hora de começar as descobertas. Ostrower escreve:

A criança age impulsivamente, espontaneamente para ver o que acontece. Embora, sem dúvida, haja sempre curiosidade acerca das consequências da ação, nem as consequências nem as próprias intenções são medidas ou avaliadas anteriormente à ação. A produtividade infantil é rica, em quantidade e descobertas. A nós adultos espanta muitas vezes pela 'ousadia', por sua liberdade de ação. Mas na verdade, aquilo que, pela opção e pelas consequências previsíveis, significa uma experiência audaciosa para nós, para a criança é apenas o vivenciar natural da situação, não é mais ousada do que muitas outras experiências que a nós passam despercebidas. (OSTROWER, 2004. p.127)

Essa pesquisa de campo me ajudou a desenvolver as minhas próprias atividades propostas durante o curso de pós-graduação, tendo uma visão da prática vivenciada no dia a dia. E não somente como aluna, mas também como artista e professora, o ensinar é um grande aprendizado tanto para o educando quanto para o educador, como diz a autora Almeida (2009): “Essa troca de conhecimentos e experiências acontece porque o ensino é via de mão dupla: é um processo em que o professor e aluno ensinam e aprendem” (ALMEIDA, 2009, p.84):

Ensinar é fazer com que o aluno lhe desperte para o que você tem para levar a ele. Existe a troca no sentido de que, se estou ensinando, estou aprendendo; se estou pintando, estou aprendendo. De repente, o aluno lê um texto que o professor nunca viu ou o aluno consegue uma mancha, mexendo numa resina, e o professor vai lá e redescobre isso. (ALMEIDA, 2009, p.84)

As experiências de descobertas acontecem em todas as faixas etárias, sendo cada idade um modo diferente de pesquisa e de expressão. Ostrower descreve sobre:

Quando mudam os comportamentos da criança e mudam as formas de expressão, essa mudança formal não se deve a intenções estéticas. Deve-se ao processo de crescimento e de desenvolvimento da criança, às suas relações afetivas com ela mesma e com o mundo adulto, e à sua evolução para níveis de independência interior. Às idades subsequentes, digamos aos 2, 4, 7, 10 anos de vida, normalmente correspondem modificações na forma expressiva. Vale observar, porém, que até uma idade próxima à puberdade, as alterações na linguagem artística – tanto nos elementos usados como maneira de composição – que ocorrem nas várias fases do crescimento infantil, são surpreendentemente similares em todas as crianças, não obstante diferenças individuais de temperamento e de sensibilidade. As alterações estilísticas pouco variam até de cultura pra cultura. Poder-se-ia chamar a esse desenvolvimento quase que de estilo 'biológico'. (OSTROWER, 2004. p.128)

Observando a faixa etária de 10 a 14, as classes G e H, sendo a classe G alunos de 10 e 11 anos e a classe H alunos de 12 a 14 anos, percebe-se que eles já preferiam representar algo mais realista, fazendo a imitação do real, uma forma mais analítica, mais descritiva. De acordo com Ostrower (2004), essas características têm influência direta de normas culturais e dos valores do mundo adulto, nesta fase eles nunca querem ser comparados com crianças, isso seria uma ofensa para eles.

Aconteceu um episódio interessante em uma aula de desenho de observação de paisagem: a atividade proposta foi desenhar uma árvore do pátio da escola, utilizando somente o lápis de escrever – grafite HB – e evitar de usar muito a borracha, que praticamente é um vício. Pois a cada traço elaborado no papel o criador acha que está errado e quer apagar, assim o lado criativo fica aprisionado dentro do medo de errar.

Percebe-se que um aluno da classe H começou a fazer um desenho abstrato da árvore, logo vieram às observações e comentários da turma, falando que ele estava desenhando igual 'menino pequeno' sendo que ele já tinha passado da hora de fazer rabiscos.



**Figura 14** – Alunos da turma H participando da aula de desenho de observação de paisagem.

Fonte: Acervo pessoal.

Nesse exato momento comecei uma conversa rápida, um debate, com os alunos sobre o estilo que cada pessoa possui para se expressar, somos indivíduos únicos, portanto, dentro do campo da Arte cada pessoa tem o seu direito de manifestar a sua criatividade, fazer experimentações, assim descobrindo seus gostos, desejos e aprendendo a fazer uma narrativa de si. Esses comentários me levaram a elaborar um projeto com tema sobre identidade – “Quem sou EU?” – utilizando o desenho autobiográfico como prática artística para a explicação e entendimento sobre o assunto.

#### **4.1.2- Quem sou EU? – O projeto**

Para dar início aos relatos e experiências do projeto realizado durante o ano letivo de 2019, sobre o tema desenho autobiográfico, começo essa narrativa respondendo à pergunta do título: Quem sou EU?

Sou Mariane Basílio Torres, filha de Seledir e Adilson, irmã de Lorrane e casada com o grande amor da minha vida Irving. Essas são algumas palavras que descrevo minhas características: artista, educadora, design, criativa, carinhosa e bagunceira. A obra “Quem sou eu?” faz uma reflexão e ilustra alguns momentos da minha vida. Como já foi mencionado no primeiro capítulo desse trabalho.



**Figura 15** - Mariane Basílio, Quem sou eu?, 2019. Técnica mista 21cm x 29,7cm.

Fonte: Acervo pessoal.

A pintura faz parte do meu acervo pessoal e das minhas obras que apresento para meus alunos em sala de aula. Essa pintura em especial foi criada juntamente com meus alunos, durante uma aula do projeto sobre o desenho autobiográfico, onde eu gosto de participar não somente como professora e Arte/Educadora, mas também como artista/pesquisadora.

No decorrer desse capítulo irei descrever algumas atividades que foram propostas e realizadas no projeto.

Para a elaboração desse projeto para o ensino/aprendizagem em Artes Visuais, com o foco principal na identidade, primeiramente conversei com os alunos apresentando as minhas ideias e planejamentos das futuras aulas. Durante a minha experiência como professora percebi que quando os alunos fazem parte da elaboração da metodologia ou participando com dicas de temas/assuntos para serem estudados, as aulas em questão se tornam mais prazerosa e os alunos ficam mais incentivados a participarem da mesma como um todo. Assim, a metodologia utilizada durante esse projeto está ligada tanto no conhecimento teórico e pessoal, quanto analisando o perfil dos estudantes e a história de vida de cada um, trazendo uma troca de experiência entre o educador e o educando, transformando em um relacionamento interpessoal.

De acordo com Maria Elisabette Brisola Brito Prado (2005).

Isso significa que o projeto do professor pode ser constituído pela própria prática pedagógica, a qual será antecipada (relacionando as referências das experiências anteriores e as novas possibilidades do momento), colocada em ação, analisada e reformulada. De certa forma, essa situação permite ao professor assumir uma postura reflexiva e investigativa da sua ação pedagógica e, portanto, caminhar no sentido de reconstruí-la com vistas a integrar o uso das mídias numa abordagem interdisciplinar. (Prado, 2005. p. 14).

Como professora mediadora desse projeto, observei durante as aulas de Arte o surgimento de questões, sobre o tema Autorretrato, pelos próprios alunos participantes. Onde os mesmos deram sugestão de dar um título para esse projeto, surgiram vários títulos diferentes, que juntamos e ficou assim: “O retrato artístico – Somos diferentes, cada pessoa possui uma beleza e o seu valor”. Dentro dessa roda de conversa acrescentamos alguns conceitos para trabalhar dentro desse projeto como o Autorretrato e artistas que fizeram obras com esse tema.

Assumindo uma postura reflexiva e investigativa, concordei com a ideia dos alunos e propus a caminhar por esse novo caminho e cheio de possibilidades para o ensino-aprendizagem.

No entanto, o ato de projetar requer abertura para o desconhecido, para o não determinado e flexibilidade para reformular as metas à medida que as ações projetadas evidenciam novos problemas e dúvidas. (PRADO, 2005. p. 14).

#### **4.1.3- Relatos do projeto sobre o desenho autobiográfico**

Este projeto foi realizado com os alunos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, alunos de 11 a 13 anos, sou professora de arte e trabalho atualmente com essa faixa etária.

Atualmente nas escolas públicas da rede municipal de Betim, as aulas de Arte possuem uma carga horária de 01 (uma) aula semanal de 50 minutos. Esse projeto teve a previsão de 10 aulas, mas durante a trajetória utilizamos 12 aulas necessárias de acordo com o andamento da turma. Dessa forma cada encontro tem a duração de 50 minutos (hora/aula).

Para iniciar esse projeto comecei a explicar a importância do desenho em nossas vidas, principalmente como forma de expressar sentimentos, desejos, gostos e até descobrir certas profissões que trabalham com esse tema.

Por meio do desenho autobiográfico o aluno cria uma narrativa de si, onde passa a ter um autoconhecimento interior e aumenta a capacidade de expressar para o mundo o seu lado mais pessoal.

Atualmente, estamos rodeados pela cultura visual, onde cada pessoa é influenciada pelos bombardeamentos de imagens, seja elas no cotidiano, nas mídias sociais como nos entretenimentos em geral. Toda essa informação visual acaba transmitindo uma insegurança para o aluno durante o processo de criação, que faz uma comparação com o desenho que ele está criando com as múltiplas possibilidades de imitação que o cercam em suas lembranças visuais.

Como foi discutido anteriormente, os alunos escolheram estudar sobre o autorretrato e conhecer alguns artistas que trabalham com esse tema. Dentre vários artistas que criaram autorretratos que mostrei em sala de aula, eles escolheram aprofundar sobre Frida Kahlo (1907-1954), Tarsila do Amaral (1886 -1973), Vincent Van Gogh (1853-1890) e Pablo Picasso (1881-1973).

Nessa proposta trabalhamos a Abordagem Triangular com a apreciação e a contextualização dentro da História da Arte. É preciso saber que determinados fenômenos artísticos dependem do momento e do lugar em que surgiu, e perceber as características de cada artista que criaram autorretratos.

Essas atividades tiveram como propósito, além do conhecimento dos artistas e obras relacionadas com o autorretrato, instigar o lado criativo utilizando a imaginação para a criação de obras “autobiográficas” e autorretrato dos alunos, visando o autoconhecimento e na prática o processo de identidade pessoal. Escolhi esse tema para trabalhar a identificação através dos processos de experimentação de vários estilos artísticos, como o desenho, a pintura, a escultura, a colagem e a fotografia para trabalhar o interesse dos alunos para a criação do trabalho proposto dentro da arte-educação e refletir sobre a aceitação do seu próprio corpo.

Antes de iniciar as atividades preparei todos os materiais necessários para cada aula. Utilizei um material didático que crie: a “Caixa surpresa” com os seguintes objetos: 01 kit de formas geométricas e orgânica em papel cartão colorido, espelho (20cm x 25cm), barbante, fita métrica, arame para artesanato colorido, alicate para

artesanato, atadura gessada e uma câmera ou celular com câmera para a execução desse projeto.

Todo o projeto foi realizado com os alunos dentro de sala de aula e depois utilizamos um espaço do pátio para a exposição dos trabalhos bidimensionais e tridimensionais dos alunos.

Foram realizadas as seguintes aulas programadas no cronograma:

- 1ª aula: Debate sobre o tema: Identidade. Trabalhamos o tema: Somos diferentes, cada pessoa possui uma beleza e o seu valor, através de imagens digitais projetadas de pessoas com várias características físicas diferentes.
- 2ª aula: O que é um autorretrato? Trabalhamos o conceito de autorretrato e os artistas Frida Kahlo (1907-1954), Tarsila do Amaral (1886 -1973), Vincent Van Gogh (1853-1890) e Pablo Picasso (1881-1973) que trabalham com esse tema em suas obras. Utilizando textos e imagens para a explicação e debate com os alunos.
- 3ª aula: Criação de um autorretrato com as formas geométricas e orgânica (técnica cubismo de Pablo Picasso), montagem do “quebra-cabeça” e registro através da fotografia.



**Figuras 16** - Exposição das obras do projeto: Quem sou EU?

Fonte: Acervo pessoal



**Figuras 17** - Exposição das obras do projeto: Quem sou EU?

Fonte: Acervo pessoal



**Figuras 18 e 19** – Exposição das obras do projeto: Quem sou EU?

Fonte: Acervo pessoal

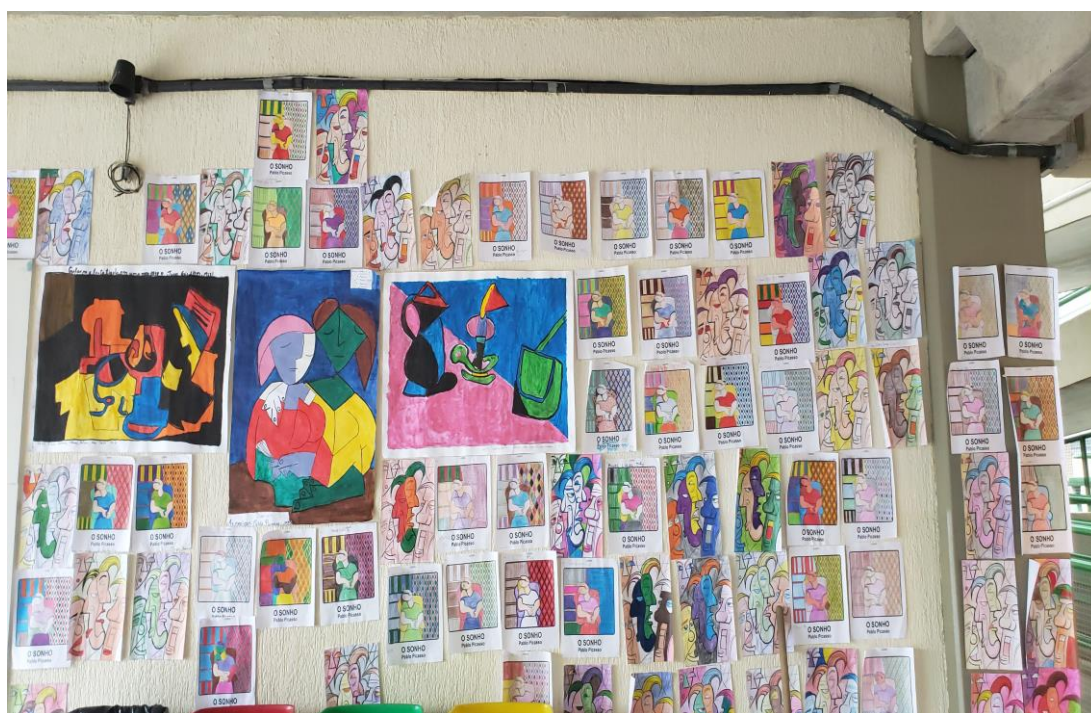
- 4ª aula: Criação de uma autobiografia: Quem sou EU? – Cada aluno, após o debate relacionado ao tema, criou uma autobiografia (texto), trabalhando o seu lado crítico e criativo por meio das palavras. Após o texto concluído, os alunos criaram o seu desenho autobiográfico utilizando as palavras chaves do texto.

- 5ª e 6ª aulas: Autorretrato de Pablo Picasso. Os alunos escolheram o artista para a criação de releituras de suas obras em cartolina A2 com tinta guache.
- 7ª aula: Desenho de observação da figura humana utilizando o espelho. Cada aluno criou o seu autorretrato com a técnica do grafite, em folha A4 de Canson e lápis para desenho. Utilizaram o barbante ou a fita métrica para fazer a medição suas características com ajuda de um colega.
- 8ª e 9ª aulas: Arte tridimensional: Máscara – Autorretrato. A atividade foi feita em duplas onde desenvolveram as técnicas de modelagem, criando uma obra (máscara) com atadura gessada modelando no próprio rosto.
- 10ª aula: Arte e tecnologia: Fotografias – (selfie) criação de autorretratos. Os alunos utilizaram a câmera digital para a criação de autorretratos e modificaram as fotos com desenhos digitais utilizando aplicativos do celular para criar uma obra digital.
- 11ª aula: Criação de material gráfico: Montagem de cartazes com as fotografias para a divulgação da exposição.
- 12ª aula: Utilizamos a última aula para finalização e organização dos trabalhos.

Os alunos realizaram todas as etapas do projeto; fizeram os trabalhos sobre os temas: autorretrato, autobiografia e autobiográfico, onde participaram de todas as fases e escolhas das atividades propostas desenvolveram um olhar sensível e artístico sobre a sua obra e de seus colegas. Depois de terem realizado os trabalhos bidimensionais, aconteceu a fase do tridimensional onde entra a aprendizagem coletiva, onde cada aluno ajudou o outro para a criação da máscara de gesso. E no final foi proposta uma exposição das obras concluídas no projeto para a escola e a comunidade escolar.



**Figura 20** – Detalhe da exposição das obras do projeto – Releitura Pablo Picasso (1881-1973).  
Fonte: Acervo pessoal



**Figura 21** – Exposição das obras do projeto – Releitura Pablo Picasso (1881-1973)  
Fonte: Acervo pessoal

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos desenvolveram várias atividades artísticas durante o período que trabalhei neste projeto, antes era somente o fazer artístico, eles reproduziam algo já feito. Surgiram questões que foram observadas e uma delas foi o ato criador, a arte e a descoberta do desenho autobiográfico.

Com o referido estudo, conclui que as minhas experiências como pesquisadora participante desse projeto formando um grande aprendizado a partir de uma troca de experiências entre professor e aluno. Com uso do conceito de biografização que tive o contato com a autora e pesquisadora Luciane Goldberg (2016) que descreve em sua tese sobre o “Autobiografismo” e a partir de Goldberg conheci o artigo de Passeggi e Souza (2017) que faz referência a Autobiografia no Brasil. Foi um grande aprendizado para minha vida profissional e educacional estudar mais a fundo sobre esse tema em específico.

Ao estudar sobre a Abordagem Triangular da autora Ana Mae Barbosa e analisando as aulas que eu lecionava, percebi que na maioria das vezes, as aulas eram somente atividades práticas, de acordo com a autora e os seus três vértices: apreciação, contextualização e fazer artístico. Estudando percebi que precisava ampliar à apreciação e a contextualização dentro da História da Arte utilizando o conteúdo de artistas que trabalhavam com o tema autorretrato, onde os alunos participaram na elaboração da metodologia e escolha dos artistas preferidos no decorrer das aulas dentro do projeto: *Quem sou Eu?*

Porque não adianta só saber o fazer artístico, mas tem que ir além, demonstrando a leitura ou apreciação da obra de arte, ensinando e mostrando o contexto, em que momento histórico foi feita aquela obra.

Uma grande experiência foi trabalhar com desenhos autobiográficos e criação de autorretratos em projetos educacionais relacionados à arte, onde percebi que os educandos podem desenvolver habilidades na comunicação, na linguagem, no pensamento reflexivo, ampliar o conhecimento contextualizado dentro da arte com um olhar sensível e interligado com a sociedade.

Durante as aulas, observei cada aluno com sua individualização e habilidades distintas, alguns alunos já começam a desenhar sem medo de errar, pois possuem uma confiança na sua habilidade adquirida, outros alunos, quando começam a

desenhar eles possuem um conflito interno com a folha de papel em branco, mas, à medida que surgem os primeiros diálogos e falas motivadoras se soltam e iniciam a criação de suas obras de arte com muita criatividade. No momento em que isso acontece, cada aluno fica concentrado no seu desenho, pensando e analisando o que irá criar de acordo com sua narrativa de si e seu conhecimento pessoal.

Como professora e aluna tive uma grande experiência durante minhas aulas lecionadas e percebi que em cada aula eu não estava propondo atividades somente para os alunos, mas também para mim mesma, porque à medida que eu ensinava eu estava vivenciando toda descoberta juntamente com eles. Assim formando um grande aprendizado, uma troca de experiências entre professor e aluno tendo uma visão da prática vivenciada no dia a dia.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Cassia. **Ser artista, ser professor – razões e paixões do ofício**. São Paulo: UNESP, 2009

BARBOSA, Ana Mae; Cunha, Fernanda Pereira da. (orgs.). **A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. — São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf)  
Acesso em: 23 de nov. 2019.

COELHO, Rodrigo Borges. **O Desenho ou a vontade do seguinte**. In: *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 2*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009. p.51-56.

COSTA, Lucio. **O Ensino de Desenho**. Programa para a reformulação do ensino de desenho no ensino secundário, por solicitação do ministro Capanema. In: Revista do IPHAN, s.n. Rio de Janeiro, 1940. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/O\\_Ensino\\_do\\_Desenho.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/O_Ensino_do_Desenho.pdf). Acesso em: 23 nov. 2019.

DERDYK, Edith. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador**. – São Paulo: Escuta, 2001.

EDWARDS, Betty. **Exercícios para desenhar com o lado direito do cérebro**. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

GOLDBERG, Luciane Germano. **Autobiografismo: desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional**. 2016. 346f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2016.

LANZI, Lucirene Andréa Catini. **A autobiografia como metodologia para uma história da disciplina arte no Brasil: vida e formação de uma arte/educadora**. 2016. 305f. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/147098>. Acesso em 10 dez. 2019.

LOYOLA, Geraldo Freire., PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Tecnologias contemporâneas, pensamento tecnológico, contexto e Arte**. Texto retirado da Tese PROFESSOR-ARTISTAPROFESSOR: Materiais didático-pedagógicos e

ensino-aprendizagem em Arte. (Doutorado em Artes) Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2016. Tese disponível em: <http://migre.me/wa0GO> Acesso em 06 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre materiais didático pedagógicos para Arte.** Texto retirado da Tese PROFESSOR-ARTISTA PROFESSOR: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. (Doutorado em Artes) Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2016. Tese disponível em: <http://migre.me/wa0GO> Acesso em 06 abr. 2019.

MERCADO, L. P. L. *Estratégias didáticas utilizando internet.* In: MERCADO, L. P. L. (Org.). **Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação.** Maceió: EDUFAL, 2006.

\_\_\_\_\_. Novas tecnologias na educação: novos cenários de aprendizagem e formação de professores. In: OLIVEIRA, M. (Org.). **Reflexões sobre conhecimentos e Educação.** Maceió: EDUFAL, 2000.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2004

PARADELLA, Flávia Simonini, Teoria da forma. In: **Criação da Forma.** Rio de Janeiro: UNESA, 2014, p. 1-9. Apud FISHER, Ernest. *Necessidade da Arte.* Tradução – Leandro Kondel. Ed. Guanabara. 9ª edição. (1987). Disponível em: <[http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/\\_uploads/documentos-pessoais/documento-pessoal\\_314.pdf](http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/_uploads/documentos-pessoais/documento-pessoal_314.pdf)>. Acesso em 24 de nov. 2019.

PASSEGGI, M. C. e SOUZA, E. C. (2017). O Movimento (Auto) Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, 2(1) pp. 6-26. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032> Acesso em: 08 dez. 2019.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Metodologias do ensino de Artes Visuais. In: **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais.** Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007, p. 8-21. Acesso em: 20 mar. 2019

PRIORE, Mary Del. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história.** Topoi, RJ. 2009, vol.10, n.19, pp.7-16.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações In: **Integração das Tecnologias na Educação/ Secretaria de Educação a Distância.** Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

\_\_\_\_\_. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. In: **Ouvir ou Ver**. Uberlândia, v.11, n. 1, p. 88-98, 2015

VALENTE, José Armando. *O uso inteligente do computador na educação*. **Revista Pátio**, ano I, nº 1, 1997.

## ANEXOS



ESCOLA MUNICIPAL GILBERTO ALVES DA SILVA



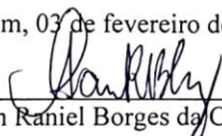
### AUTORIZAÇÃO PARA USO DO NOME DA INSTITUIÇÃO

Em nome da Escola Municipal Gilberto Alves da Silva, situada à Av. das Orquídeas, 263 - Jardim das Alterosas - 2ª Seção, Betim - MG, 32673-242, autorizamos Mariane Basílio Torres, MG 15167237e 09254866636 a utilizar o nome da Instituição em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Mariane Basílio Torres se compromete a não autorizar para terceiros a utilização do nome da Instituição deste contrato, bem como a utilizá-lo exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Mariane Basílio Torres se compromete, ainda, a usar o nome da Instituição de forma a não ferir sua reputação.

Betim, 03 de fevereiro de 2020.

  
\_\_\_\_\_  
Alan Raniel Borges da Cruz  
Diretor  
Escola Municipal Gilberto Alves da Silva

E. M. Gilberto Alves da Silva  
Alan Raniel Borges da Cruz  
Diretor - Matrícula: 139169  
Aut.: 036/2018

De acordo

  
\_\_\_\_\_  
Mariane Basílio Torres

**ESCOLA MUNICIPAL GILBERTO ALVES DA SILVA**

escolagilbertoalves@hotmail.com

(31) 35971228

Av. das Orquídeas, 263 - Jardim das Alterosas – 2ª Seção, Betim - MG, 32673-242



ESCOLA MUNICIPAL GILBERTO ALVES DA SILVA



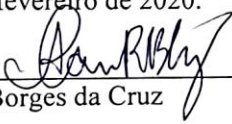
### AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Em nome da Escola Municipal Gilberto Alves da Silva, situada à Av. das Orquídeas, 263 - Jardim das Alterosas - 2ª Seção, Betim - MG, 32673-242, autorizamos Mariane Basílio Torres, MG 15167237e 09254866636 a utilizar as imagens das instalações do prédio escolar, em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Mariane Basílio Torres se compromete a não autorizar para terceiros a utilização da imagem deste contrato, bem como a utilizá-las exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Mariane Basílio Torres se compromete, ainda, a usar as imagens de forma a não denegrir a imagem da instituição.

Betim, 03 de fevereiro de 2020.

  
\_\_\_\_\_  
Alan Raniel Borges da Cruz  
Diretor  
Escola Municipal Gilberto Alves da Silva

E. M. Gilberto Alves da Silva  
Alan Raniel Borges da Cruz  
Diretor - Matrícula: 139169  
Aut.: 036/2018

De acordo

  
\_\_\_\_\_  
Mariane Basílio Torres

ESCOLA MUNICIPAL GILBERTO ALVES DA SILVA

escolagilbertoalves@hotmail.com

(31) 35971228

Av. das Orquídeas, 263 - Jardim das Alterosas - 2ª Seção, Betim - MG, 32673-242